

CARMEN MARIA MACHADO

Na Casa dos Sonhos

Memórias

Tradução

Ana Guadalupe



Casa dos Sonhos como amantes sob adversa estrela
Casa dos Sonhos como devaneio
Casa dos Sonhos como literatura erótica
Casa dos sonhos como presságio
Casa dos Sonhos como noir
Casa dos Sonhos como vilania queer
Casa dos Sonhos como viagem de carro para todos os lugares
Casa dos Sonhos como acidente
Casa dos Sonhos como ambição
Casa dos Sonhos como homem vs. natureza
Casa dos Sonhos como comédia para assistir chapada
Casa dos Sonhos como reunião de família
Casa dos Sonhos como lá vem a noiva
Casa dos Sonhos como casa na Flórida
Casa dos Sonhos como Barba Azul

II

Casa dos Sonhos como morte térmica do universo
Casa dos Sonhos como lugar de chegada
Casa dos Sonhos como utopia
Casa dos Sonhos como mito do duplo
Casa dos Sonhos como alta fantasia
Casa dos Sonhos como entomologia
Casa dos Sonhos como romance pulp lésbico
Casa dos Sonhos como aprendizado na marra
Casa dos Sonhos como construção de mundo
Casa dos Sonhos como cenografia
Casa dos Sonhos como fita de monstro
Casa dos Sonhos como gótico americano
Casa dos Sonhos como expressão idiomática

Casa dos Sonhos como alerta
Casa dos Sonhos como apetite
Casa dos Sonhos como santuário
Casa dos Sonhos como casa em Iowa
Casa dos Sonhos como perdas de tradução
Casa dos Sonhos como rio Lete
Casa dos Sonhos como thriller de espionagem
Casa dos Sonhos como chalé em Washington
Casa dos Sonhos como Thornton Square, número 9
Casa dos Sonhos como ciclo
Casa dos Sonhos como lição errada
Casa dos Sonhos como déjà-vu
Casa dos Sonhos como apartamento na Filadélfia
Casa dos Sonhos como falácia antropomórfica
Casa dos Sonhos como o primeiro Dia de Ação de Graças
Casa dos Sonhos como diagnóstico
Casa dos Sonhos como I Love Lucy
Casa dos Sonhos como musical
Casa dos Sonhos como conto admonitório
Casa dos Sonhos como arrebatamento
Casa dos Sonhos como aula sobre o subjuntivo
Casa dos Sonhos como fantasia
Casa dos Sonhos como inventário
Casa dos Sonhos como tragédia dos comuns
Casa dos Sonhos como epifania
Casa dos Sonhos como legado
Casa dos Sonhos como enunciado de problema matemático

III

Casa dos Sonhos como homem vs. homem

Casa dos Sonhos como arte moderna
Casa dos Sonhos como segunda chance
Casa dos Sonhos como arma de Tchékhov
Casa dos Sonhos como percepção da escrita das mulheres
Casa dos Sonhos como mansão mal-assombrada
Casa dos Sonhos como gatilho de Tchékhov
Casa dos Sonhos como novela
Casa dos Sonhos como comédia de erros
Casa dos Sonhos como possessão demoníaca
Casa dos Sonhos como dando nomes aos animais
Casa dos Sonhos como ambiguidade
Casa dos Sonhos como zumbi
Casa dos Sonhos como templo
Casa dos Sonhos como trapaça
Casa dos Sonhos como narrador não confiável
Casa dos Sonhos como single de música pop
Casa dos Sonhos como nota mínima
Casa dos Sonhos como exercício de estilo
Traumhaus como lipograma
Casa dos Sonhos como hipocondria
Casa dos Sonhos como roupa suja
Casa dos Sonhos como cinco luzes
Casa dos Sonhos como horror cósmico
Casa dos Sonhos como galpão no norte do estado de Nova York
Casa dos Sonhos como naufrágio
Casa dos Sonhos como gravidez mística
Casa dos Sonhos como livro-jogo
Casa dos Sonhos como L'appel du Vide
Casa dos Sonhos como libreto
Casa dos Sonhos como thriller de ficção científica

Casa dos Sonhos como déjà-vu
Casa dos Sonhos como ficção de mistério

IV

Casa dos Sonhos como medida paliativa
Casa dos Sonhos como o apocalipse
Casa dos Sonhos como final-surpresa
Casa dos Sonhos como desastre natural
Casa dos Sonhos como a poça de lágrimas
Casa dos Sonhos como Mrs. Dalloway
Casa dos Sonhos como generosidade inesperada
Casa dos Sonhos como apartamento em Chicago
Casa dos Sonhos como Sodoma
Casa dos Sonhos como quarto de hotel em Iowa City
Casa dos Sonhos como saída pela tangente
Casa dos Sonhos como a rainha e a lula
Casa dos Sonhos como obrigada, Obama
Casa dos Sonhos como vazio
Casa dos Sonhos como memória
Casa dos Sonhos como desfecho
Casa dos Sonhos como gato de Schrödinger
Casa dos Sonhos como maçã de Newton
Casa dos Sonhos como sexo e morte
Casa dos Sonhos como plot twist

V

Casa dos Sonhos como A hora do pesadelo
Casa dos Sonhos como talismã
Casa dos Sonhos como mito
Casa dos Sonhos como desejo de morte

Casa dos Sonhos como prova
Casa dos Sonhos como relações públicas
Casa dos Sonhos como cabana na floresta
Casa dos Sonhos como dilema do prisioneiro
Casa dos Sonhos como universo paralelo
Casa dos Sonhos como best-seller de autoajuda
Casa dos Sonhos como clichê
Casa dos Sonhos como câmara anecoica
Casa dos Sonhos como nave geracional
Casa dos Sonhos como L'esprit de L'escalier
Casa dos Sonhos como vacina

Casa dos Sonhos como fim
Casa dos Sonhos como epílogo
Posfácio
Agradecimentos
Sobre a autora
Créditos

*Se você precisa deste livro,
ele é pra você.*

*Empilhamos associações como empilhamos tijolos.
A memória em si mesma é uma forma de
arquitetura.*

Louise Bourgeois

Se você fizer silêncio sobre sua dor, eles vão te matar e ainda dizer que você gostou.

Zora Neale Hurston

Sua mente está muito cansada. Sua mente está tão cansada que não funciona mais. Você não pensa. Você sonha. Sonha o dia inteiro. Sonha tudo. Sonha de forma perversa e incessante. Você já não sabe disso?

Patrick Hamilton, *Angel Street*

Casa dos Sonhos como abertura

Nunca leio prólogos. Acho muito chatos. Se o assunto é tão importante, por que relegar ao paratexto? O que a pessoa que escreveu o livro está tentando esconder?

Casa dos Sonhos como prólogo

Em seu ensaio “Venus in Two Acts” [Vênus em dois atos], que trata da escassez de relatos africanos contemporâneos da escravidão, Saidiya Hartman fala sobre a “violência do arquivo”. Esse conceito — também chamado de “silêncio do arquivo” — expressa uma das verdades mais complexas da humanidade: às vezes uma história é destruída, às vezes ela sequer chega a ser dita; seja como for, nossa história coletiva sofre a perda irreversível de algo grandioso.

A palavra “arquivo”, como Jacques Derrida nos diz, vem do grego antigo ἄρχειον: *arkheion*, “a casa dos arcontes”, ou seja, daqueles que comandavam. Quando descobri essa etimologia, o uso da palavra “casa” me chamou a atenção (apaixonada por histórias de casas mal-assombradas, tenho uma queda por metáforas com elementos da arquitetura), mas é o poder, a autoridade, seu componente mais significativo. Decidir o que entra ou fica de fora do arquivo é um ato político, ditado pela arquivista e pelo contexto político no qual ela vive. Isso vale tanto para uma mãe ou um pai que decide quais partes da primeira infância do filho deve fotografar quanto para um continente que acerta as contas com seu passado em público — como a Europa com suas *Stolpersteine*, suas “pedras de tropeço” que relembram as vítimas do holocausto. *Foi aqui que o Sebastian deu os primeiros passos com aquele pé gordinho de bebê; essa é a casa em que a Judith morava quando a levamos para a morte.*

Às vezes, a prova nunca chega a ser adicionada ao arquivo — não é considerada digna de um registro, ou, quando é, pode não ser considerada digna de ser preservada. Às vezes há um ato deliberado de destruição, como as cartas mais explícitas que Eleanor Roosevelt e Lorena Hickok trocaram, queimadas por Hickok por ser indiscretas — provavelmente eróticas e gays até o talo, ainda mais quando se leva em conta o que não foi destruído. (“Estou salivando de vontade de te ver.”)¹

O falecido teórico queer José Esteban Muñoz apontou que “a condição queer tem uma relação especialmente problemática com provas. [...] Quando o(a) historiador(a) da experiência queer tenta documentar um passado queer, muitas vezes há a figura de um guardião, e este simboliza um presente heterossexual”. O que fica para trás? Lacunas em que as pessoas nunca se veem nem encontram informações sobre si mesmas. Buracos que impedem que alguém encontre um contexto para si. Fendas nas quais as pessoas caem. Silêncio impenetrável.

O arquivo completo é mitológico, possível apenas em teoria; talvez esteja em algum lugar da Biblioteca de Babel de Jorge Luis Borges, escondido debaixo da história detalhada do futuro e de seus sonhos e entressonhos da alvorada de 14 de agosto de 1934. Mas podemos tentar. “Como alguém pode contar histórias impossíveis?”, pergunta Hartman, e sugere muitos caminhos: “elaborando uma série de argumentos especulativos”, “explorando todo o potencial do subjuntivo (um modo verbal que expressa dúvidas, desejos e possibilidades)”, escrevendo a história “com e contra o arquivo”, “imaginando o que não pode ser comprovado”.

A mulher vítima de abuso sem dúvida existe desde que os seres humanos se mostraram capazes de manipulação psicológica e violência interpessoal, mas, como conceito amplamente difundido,

não existia até cerca de cinquenta anos atrás. O debate sobre a violência doméstica dentro das comunidades queer é ainda mais recente, e ainda mais velado. Quando pensamos nas formas que a violência íntima assume hoje, cada novo conceito — a vítima do sexo masculino, a mulher abusadora, as pessoas que abusam de um indivíduo queer e o indivíduo queer que sofre abuso — se revela como mais um fantasma que sempre esteve entre nós, assombrando a casa dos arcontes. Escritores(as) e pensadores(as) acadêmicos(as) modernos(as) têm novas ferramentas para voltar a sondar os arquivos, da mesma forma que historiadores(as) e estudiosos(as) fizeram com que sua compreensão da sexualidade queer contemporânea reverberasse pelo passado. Pensem: qual é a topografia desses buracos? Onde vivem as lacunas? Como nos aproximamos da completude? Como levamos dignidade às pessoas que foram tratadas de forma indigna no passado, se não temos provas concretas de seu sofrimento? Como tornamos nosso processo de registro mais justo?

Um livro de memórias é, em sua essência, um ato de ressurreição. Quem escreve as próprias memórias recria o passado, reconstrói diálogos. Conjura o significado de acontecimentos há muito adormecidos. Trança os fios da memória, do ensaio, dos fatos e das percepções e os molda numa coisa só. Quem escreve uma memória manipula o tempo; ressuscita os mortos. Dá a si, e aos outros, um contexto necessário.

Venho registrar no arquivo que o abuso doméstico entre casais que compartilham da mesma identidade de gênero é tanto possível quanto relativamente comum, e que pode acontecer mais ou menos assim. Falo em direção ao silêncio. Jogo a pedra de minha história numa fenda imensa, e meço o espaço vazio pelo som mínimo.

I

*De novo me tortura e quebra os membros, Eros,
doce-amarga indomável serpente.*

Safo²

Casa dos Sonhos como não metáfora

Suponho que você já tenha ouvido falar da Casa dos Sonhos, não é mesmo? Ela é, como você sabe, um lugar real. Ela para em pé. Fica perto de uma floresta e faz fronteira com um pasto. Tem uma fundação, embora os boatos de que há corpos enterrados lá dentro sejam — o que é muito provável — ficção. Antes havia um balanço que pendia de um galho de árvore, mas agora é só uma corda, com um único nó que balança com o vento. Você talvez tenha ouvido histórias sobre o senhorio, mas garanto que não são verdadeiras. Afinal o senhorio não é um homem, e sim uma universidade inteira. Uma cidadezinha de senhorios! Já imaginou?

A maioria dos seus palpites está correta: ela tem pisos, paredes, janelas e um telhado. Se você imagina que há dois quartos, você errou e acertou. Quem pode dizer que são só dois quartos? Todo cômodo pode ser um quarto: você só precisa de uma cama, ou nem isso. Você só precisa dormir lá dentro. Quem habita um espaço lhe confere seu propósito. Nossas ações têm mais vigor do que as intenções de qualquer arquiteto.

Estou tocando nesse assunto porque é importante lembrar que a Casa dos Sonhos é real. É tão real quanto o livro que você tem nas mãos, e bem menos assustadora. Se eu quisesse, poderia te dar o endereço para que você fosse até lá com seu carro e se sentasse na frente daquela Casa dos Sonhos, tentando imaginar as coisas que

aconteceram lá dentro. Não recomendo. Mas você poderia. Ninguém te impediria.

Casa dos Sonhos como obra picaresca

Antes de conhecer a mulher da Casa dos Sonhos, eu morava num apartamento de dois quartos em Iowa City. A casa era um caos: o proprietário era um trambiqueiro, ela estava caindo aos pedaços, e era cheia de detalhes ecléticos e perturbadores. Havia um quarto no porão — meus colegas de casa e eu o chamávamos de quarto do assassinato — com o piso, as paredes e o teto pintados de vermelho-sangue, que ainda tinha sido incrementado com um alçapão secreto e um telefone fixo que não funcionava. Em outra parte do porão, um sistema de aquecimento ligeiramente lovecraftiano estendia longos tentáculos que subiam pelo resto da casa. Quando a umidade aumentava, o batente da porta da frente ficava estufado e teimava em não abrir, como um olho roxo. No quintal, enorme, havia uma lareira externa de chão, e ele era ladeado por trepadeiras, árvores e uma cerca em processo de apodrecimento.

Eu morava com John, Laura e o gato deles, Tokyo. Eram um casal; ambos tinham pernas compridas e pele pálida, eram da Flórida, tinham estudado juntos numa faculdade hippie e se mudado para Iowa, onde cursavam suas respectivas pós-graduações. Eram a personificação da afetação e da excentricidade da Flórida, e no fim das contas se tornariam, depois da Casa dos Sonhos, meu único motivo para não odiar o estado.

Laura parecia uma beldade de cinema mudo: tinha olhos enormes e um ar etéreo. Era sarcástica e debochada, dona de um humor cáustico;

escrevia poesia e estava se especializando em biblioteconomia. Ela tinha uma vibe de bibliotecária, de sábia condutora do conhecimento coletivo, como se pudesse te levar aonde quer que você precisasse chegar. John, por outro lado, parecia uma mistura de roqueiro grunge com professor doidinho que tinha encontrado Jesus. Ele fazia *kimchi* e chucrute em vidros de conserva imensos que estocava no balcão da cozinha e dos quais cuidava feito um botânico maluco; uma vez passou uma hora me explicando o enredo de *Às avessas* numa profusão de detalhes, sem deixar de mencionar seu trecho preferido, no qual o excêntrico e vil anti-herói incrusta pedras exóticas no casco de uma tartaruga e a pobre criatura, “incapaz de sustentar o luxo exuberante que lhe foi imposto”, não resiste ao peso e morre. Da primeira vez que vi John, ele me perguntou: “Tenho uma tatuagem, quer ver?”, e eu respondi: “Quero”. Ele disse: “Tá, vai parecer que eu vou te mostrar meu pinto, mas não vou, juro”, e quando ergueu a barra do short até a coxa, revelou uma tatuagem artesanal de uma igreja de ponta-cabeça. “É uma igreja de ponta-cabeça?”, eu perguntei, então ele sorriu e tremelicou as sobrancelhas — não de um jeito libidinoso, e sim com um ar serelepe —, e disse: “De ponta-cabeça *segundo quem?*”. Uma vez, quando Laura saiu do quarto deles vestindo um short rasgado e a parte de cima de um biquíni, John olhou para ela com um amor simples e verdadeiro e disse: “Moça, vou cavar um buraco e encher de água pra você nadar”.

Como uma pícara, passei minha vida adulta pulando de cidade em cidade, encontrando almas amigas em cada parada; um grupo de guardiãs e guardiões que já cuidaram de mim muitas vezes (cuidada pelos guardiões, querida pelos guardiões). Minha amiga Amanda, da faculdade, com quem dividi o quarto e a casa até os 22 anos, e que,

com sua mente afiada e lógica, suas reações emocionais embotadas e seu humor cortante, testemunhou minha evolução de adolescente complicada para semiadulta complicada. Anne — que era jogadora de rúgbi e pintava o cabelo de rosa, a primeira vegetariana e a primeira lésbica que conheci na vida —, que supervisionou minha saída do armário como uma deusa gay muito bondosa. Leslie, que me ajudou a enfrentar meu primeiro término difícil com queijo brie e vinhos de dois dólares e momentos com seus bichos de estimação, inclusive uma pit bull marrom e parruda chamada Molly, que lambia meu rosto até me causar um surto histérico. Todos que liam e comentavam no meu LiveJournal, no qual postei com muita disciplina dos quinze aos 25 anos, virando minha alma do avesso diante de uma turminha improvável de poetas, gente queer esquisitona e entusiastas da programação, do RPG e das fanfics.

John e Laura eram assim. Estavam sempre por perto, nutrindo entre si uma intimidade e outra intimidade comigo, como se eu fosse uma irmã muito querida. Não era que tomassem conta de mim, exatamente; eles eram protagonistas da própria história.

Mas e essa história aqui? Essa é só minha.

Casa dos Sonhos como máquina de movimento perpétuo

Havia uma brincadeira que eu fazia na aula de educação física aos oito anos, quando me mandavam para o campo externo durante o treino de beisebol. Eu ficava tão longe do resto da turma que as bolas que meus colegas arremessavam nunca seriam capazes de me atingir, e nossa professora de educação física parecia não perceber que eu estava sentada de pernas abertas na grama crescida.

A professora, sra. Lily, era baixinha e corpulenta, usava o cabelo curto e batido na nuca, e um dos meninos da sala a chamava de lésbica. Eu não fazia a mínima ideia do que isso significava; não sei se ele próprio fazia. Era o ano de 1994. A sra. Lily usava calças esportivas largas com estampas abstratas de formas verde-limão e roxas que faziam os olhos arderem. (Quando ouvi a história de José e sua túnica de muitas cores na catequese, só consegui pensar na roupa da sra. Lily.) O tecido sintético farfalhava quando ela andava; era impossível não ouvir quando ela se aproximava. Tenho uma memória muito viva dela tentando nos explicar o conceito de espaço corporal — ela traçou uma linha que ia até o centro do próprio corpo, começando pelo topo da cabeça. Quando chegou à virilha, as crianças deram risadinhas. Dali, ela nos mostrou qual era nosso lado esquerdo e nosso lado direito, e como mexer cada um deles de forma independente, e depois

em conjunto. Ela girou os braços como se fosse um brinquedo de parque de diversões.

Preparo físico!, ela dizia, encostando a mão direita no pé esquerdo, depois a mão esquerda no pé direito. *Vocês só têm um corpo! É bom cuidarem dele!* Talvez ela fosse lésbica mesmo.

Sentada na grama durante aqueles jogos de beisebol, eu arrancava todas as ervas daninhas que estivessem ao meu alcance e minhas mãos ficavam cheirando a terra e cebola silvestre. Eu quebrava as hastes dos dentes-de-leão e ficava maravilhada com o leite branco e pegajoso que soltavam. A brincadeira é assim: você pega o dente-de-leão e esfrega bem forte debaixo do queixo — no meu caso, logo acima da cicatriz branca e estreita que ganhei ao cair da banheira quando bebê —, tão forte que as florezinhas começam a se desintegrar. Se seu queixo fica amarelo, quer dizer que você está gostando de alguém.

Aos oito anos, eu era um varapau e muito ansiosa. Vivia tensa demais para me perder em devaneios, mas ficar sentada na grama me trazia uma coisa que parecia paz. Toda aula eu pegava aquela cabeça decepada do dente-de-leão e mandava ver no meu queixo até ela virar uma bola quente e úmida, feito uma flor que ainda não tinha desabrochado.

A pegadinha, ou talvez seja a *punch line* dessa piada, é que o amarelo sempre acaba saindo na pele. O dente-de-leão cede toda vez. Ele não tem ardis, nem segredos, nem instinto de sobrevivência. E acontece que, apesar de sermos crianças, entendemos algo que não somos capazes de articular: o diagnóstico nunca muda. Sempre vamos salivar, sempre vamos querer. Nosso corpo e nossa mente sempre vão desejar profundamente alguma coisa, mesmo quando não nos damos conta disso.

E assim como a destruição do dente-de-leão diz muito sobre nós, o mesmo vale para a nossa própria destruição: nossos corpos são

*image
not
available*

Casa dos Sonhos como evento catalisador

Você a conhece certa noite no meio da semana, jantando com uma amiga em comum numa lanchonete em Iowa City em que as paredes são janelas. Ela está suada porque acabou de sair da academia, e o cabelo loiro platinado está preso num rabo de cavalo curto. Tem um sorriso maravilhoso e uma voz rouca que parece um carrinho de mão passando por um chão de pedra. Ela é aquela mistura de *butch* e *femme* que te deixa maluca.

Você e sua amiga estão falando de programas de TV quando ela chega; você estava reclamando que tudo é história de homem, sempre história de homem em tudo quanto é lugar. Ela ri e concorda. Ela te conta que acabou de se mudar de Nova York para cá, que está recebendo seguro-desemprego e tentando entrar em algum programa de mestrado em Belas-Artes. Ela também escreve.

Toda vez que ela fala, você sente alguma coisa revirar por dentro. Desse jantar você se lembrará de quase nada, além do fato de que, no final, você quer fazer a noite durar mais e por isso pede chá, logo chá. Você bebe — uma bocada de líquido quente e ervas que queima o céu da boca — tentando não olhar demais pra dela, tentando ser interessante e blasé à medida que o desejo vai se acumulando nos seus membros. As mulheres por quem você havia se interessado antes sempre passavam por você, inalcançáveis, mas ela encosta no seu braço e te olha no olho e você se sente uma criança comprando pela primeira vez alguma coisa com o próprio dinheiro.

Casa dos sonhos como palácio da memória

Vindo da rua, eis a casa. Há uma porta principal, mas você nunca entra pela porta principal.

Eis o que margeia o caminho de entrada: todos os meninos que gostaram de você quando era menina. Colin, o filho do dentista, que lhe disse com uma voz meiga que seu vestido era lindo. Você olhou para baixo para ver se era mesmo, depois foi saltitando contente para longe dele. (Já era uma diva naquela época! Sua mãe contou essa história; você era tão criança que não consegue se lembrar sozinha.) Seth, que no sexto ano comprou para você o livro novo da série *Animorphs* — aquele em que Cassie aparece na capa transfigurada em borboleta — e fez a mãe dele levá-lo de carro até sua casa para entregar o presente. Adam, seu amigo querido que trabalhava no cinema da cidade e levava para casa sacos de lixo cheios de pipoca amanhecida para vocês dois verem filmes que seus pais nunca te deixariam assistir: *Amnésia*, *Dançando no escuro*, *Pulp Fiction*, *E sua mãe também* e *Cidade dos sonhos*. Adam gravou tantos CDs para você. Alguns eram bizarros demais para o seu gosto. Havia uma banda que só destruía os instrumentos na frente de um microfone, e você revirou os olhos e disse: “Que besteira”. Mas aí a mãe de Adam levou vocês dois para a Filadélfia em janeiro para ver um show do Goodspeed You! Black Emperor. O show atrasou e vocês se embolaram, dividindo um casaco de moletom. A música era labiríntica, caleidoscópica, bonita de um jeito difícil de descrever. Você não sabia nem começar a

falar daquela mistura de áudio e som, da forma como toda aquela sinfonia te atravessava e fazia cada parte do seu corpo vibrar. Certa vez Adam escreveu um conto sobre você, e depois uma música, quando você foi embora para fazer faculdade. Você não sabia o que fazer com o amor de Adam, com aquele afeto contínuo que não exigia nada em troca. Depois Tracey, que tinha um irmão gêmeo, Timmy. Que eram mórmons e meigos, e você queria ficar com Timmy, mas Tracey queria ficar com você. Uma vez você encomendou um *O Livro de Mórmon* gratuito na internet e acabou se embrenhando numa conversa de duas horas com um cara novinho — ele parecia tão bonito pela voz — que ligou de Salt Lake City para sondar seu interesse pela religião deles. Você não podia dizer “encomendei o livro porque me apaixonei por metade de uma dupla de gêmeos mórmons e a outra metade se apaixonou por mim”. Então, em vez disso, você ficou tagarelando sobre teologia por duas horas, e depois desligou o telefone sentindo remorso. Enfim, esses meninos. Você desconfiava do sentimento deles porque não tinha nenhum motivo para se amar — nem seu corpo, nem seu intelecto. Você rejeitou tanta delicadeza. O que você estava procurando?

O quintal dos fundos: a faculdade. Tantas paixões não correspondidas e — quando enfim aconteceram — transas horríveis. Uma vez você cruzou quatro estados de carro no inverno congelante para transar com um cara que morava no norte do estado de Nova York. A transa foi ruim, claro, mas sua lembrança mais nítida é o que você *esperava* daquela noite. Você esperava aquele tesão-que-faz-a-pessoa-cruzar-quatro-estados. Você esperava que alguém perdesse a cabeça por você. Como você ia conseguir isso? Você passou a noite toda acordada, olhando para os postes de luz do estacionamento pela janela do quarto dele. Por que homem nunca tinha cortina? Como é que faz pra quem você quer querer você? Por que ninguém te amava?

A cozinha: OkCupid, Craigslist. Morar na Califórnia e tentar sair com mulheres, mas não conseguir porque as lésbicas da Bay Area mostravam certo corpo mole ao saber daquele papo de ser bissexual. Então lá veio a fanfarra de homens: homens queridos, homens horríveis, homens mais velhos. Homens que trabalhavam e homens que estudavam. Um astrofísico, vários programadores. Um cara que tinha um barco na marina de Berkeley. Depois, se mudar para Iowa e ir a um encontro ruim atrás do outro, um deles inclusive com um cara que depois você vivia encontrando na sala de espera do consultório da sua psicóloga. Ele tocava piano. Estudante de medicina, talvez? Você mal consegue se lembrar.

A sala, o escritório, o banheiro: namorados, ou quase isso. Casey, Paul e Al. Casey foi o pior. Al foi o mais legal. Paul era de cair o queixo, tamanha perfeição; ele te comia e te alimentava, e tentava te ensinar a gostar da Califórnia. Era tudo o que você sempre quis. E era tão lindo. Você adorava a bunda dele, coberta de pelinhos, a barba surpreendentemente macia, a força dos braços. Você queria se enfiar dentro dele e deixá-lo entrar em você. Ele te fazia se sentir especial, sensual, inteligente. Ele terminou com você porque não te amava, um ótimo motivo para terminar com alguém, embora naquele momento você tenha sentido vontade de morrer.

O quarto: não entre lá.

Casa dos Sonhos como viagem no tempo

Uma das perguntas que a assombrou: se soubesse, você seria mais burra ou mais esperta? Se, um dia, um portal turvo tivesse se aberto no seu quarto e uma versão anterior sua tivesse saído de lá e contado o que você sabe agora, você teria ouvido? Você prefere acreditar que sim, mas é provável que seja mentira; você não ouviu nenhuma das suas amigas mais espertas e mais sábias que admitiram estar preocupadas com você, então por que cargas d'água ouviria uma versão de si mesma que saiu de um orifício no tempo quebrando tudo, que nem uma recém-nascida?

Há uma teoria sobre a viagem no tempo chamada princípio de autoconsistência de Novikov, na qual Novikov afirma que, se a viagem no tempo *fosse* possível, ainda assim seria impossível voltar no tempo e alterar coisas que já tivessem ocorrido. Se sua versão do presente pudesse voltar ao passado, você sem dúvida poderia chegar a reflexões que despertassem uma *sensação* de novidade — reflexões que se valeriam da vantagem do retrospecto em tempo real —, mas não poderia, digamos, impedir seus pais de se conhecerem, já que isso, por definição, já teria acontecido. Fazer isso, segundo Novikov, seria tão impossível quanto atravessar uma parede de tijolos. O tempo — a trama do tempo — é invariável.

Não, a pessoa que se torna a viajante do tempo de Novikov é a trágica tola que descobre tarde demais que sua viagem ao passado foi justamente o que confirmou o destino que ela pretendia impedir.

*image
not
available*

No carro, a morena ri de todas as suas piadas sem disfarçar. Você a olha de soslaio pelo espelho retrovisor. Leva as duas de volta para a cidade e as deixa em algum lugar.

Uns dias mais tarde, você conversa com a amiga que vocês têm em comum. “Acho que ela gostou de você”, ela diz.

“Acho ela linda”, você diz. “Mas é comprometida. Eu, tipo, acabei de buscar a namorada dela no aeroporto.”

“Ah, é”, sua amiga diz. “Mas a relação delas é aberta. Foi isso que ela me disse. Só pra constar...” Ela joga as mãos para o alto, fingindo ingenuidade. “Ela falou muito de você.”

Seu coração se lança contra sua costela feito um bicho enjaulado.

Casa dos Sonhos como filme cult lésbico

Vocês combinam de se encontrar na casa dela para ver *A torradeira valente*, um filme ao qual você não assiste desde que era criança, mas se lembra que adorava e ao mesmo tempo ficava aterrorizada.

Vocês se sentam a poucos centímetros uma da outra num sofá de veludo verde, os drinques com gotículas de suor na mesinha de centro. Quando chega a hora da sua parte preferida — os carros do ferro-velho melancólicos cantando sobre suas vidas de outrora, lembrando que não valem mais nada e logo vão morrer —, o dedo indicador dela flutua até sua mão, e você sente um repuxo de desejo. Você conhece esse truque. Você já o usou mil vezes: tenho vergonha de virar pra você e falar o que eu quero, então vou fingir que não tenho total controle desse único dedo que resolveu perambular por aí. O filme termina e vocês duas ficam sentadas no escuro. Nervosa, você começa a contar umas curiosidades — “Sabia que esse filme foi baseado numa obra que ganhou um Prêmio Nebula? É que...”

Ela te beija.

No andar de cima, vocês vão cambaleando para a cama dela. Ela nunca beija o mesmo lugar duas vezes. Aí ela diz: “Queria tirar sua blusa. Posso?”. E você faz que sim, e ela tira. Ela desliza a mão pelo fecho do seu sutiã. “Tudo bem?”, ela pergunta. O quarto tem cheiro de lavanda, ou talvez você se lembre disso porque o edredom dela tinha essa cor. Toda vez que a mão dela muda de lugar, ela sussurra “posso?”, e a emoção de dizer pode, pode é a pulsação da maré sobre

seu rosto, e você se afogaria de bom grado desse jeito, dando permissão.